

## **A EXPERIÊNCIA DA MATERNIDADE EM MULHERES USUÁRIAS DE CRACK**

**PAOLA DE OLIVEIRA CAMARGO<sup>1</sup>; LIENI FREDO HERREIRA<sup>2</sup>; MICHELE  
MANDAGARÁ DE OLIVEIRA<sup>3</sup>**

<sup>1</sup>*Universidade Federal de Pelotas – paolacamargo01@hotmail.com*

<sup>2</sup>*Universidade Federal de Pelotas – lienisherreiraa@hotmail.com*

<sup>3</sup>*Universidade Federal de Pelotas – mandagara@hotmail.com*

### **1. INTRODUÇÃO**

O uso de substâncias psicoativas de forma abusiva, em especial o crack que vem ganhando cada vez mais espaço devido a grande repercussão midiática em cima desta substância, é considerado hoje um sério problema de saúde pública e social, se agravando ainda mais devido a ausência de políticas públicas adequadas que visem tratar o usuário com mais dignidade, respeito e segurança. Pensando neste uso durante o período gestacional ou por mulheres que vivenciam a maternidade, ele se torna ainda mais complexo e com isto deve-se ressaltar a importância de mais trabalhos e pesquisas que busquem compreender e também criar estratégias para que a população que necessita destes cuidados consiga ter acesso a equipes de saúdes multidisciplinares e capazes de cuidar de forma humanizada, integral e sem preconceitos (YAMAGUCHI et al., 2008).

Mulheres usuárias de crack e que ao mesmo tempo também são mães, vivenciam sentimentos de insegurança, preocupação e responsabilidade, assim como qualquer outra mulher durante o processo de maternidade, a diferença é que ao mesmo tempo, pelo fato de serem usuárias, as mesmas também vivenciam sentimentos de culpa, desamparo e constrangimento, por acreditarem não se enquadrar no papel de “boa mãe” que a sociedade impõe. Com isso pouco se pensa nas dimensões subjetivas de uma gravidez ou da vivência da maternidade, permeada por um contexto social vulnerável e pelo uso abusivo de substâncias psicoativas (ABRUZZI, 2011).

A experiência da maternidade é um fenômeno extremamente complexo para ser explicado apenas por uma área do conhecimento. Assim como a cultura, a maternidade também é única e não deve ser generalizada. Para entender a maternidade é preciso compreender também o contexto cultural em que a mãe está inserida. Ser mãe é uma construção pessoal e cultural, tendo diferentes significados. Para esse entendimento utilizou-se nesta pesquisa um referencial antropológico, visto que a antropologia é a troca de conhecimentos, é não aceitar o senso comum, é relação, subjetividade, diálogo e experiência, é então uma ciência integradora e interdisciplinar (GEERTZ, 2008).

É importante aprofundar os estudos sobre o conhecimento das repercussões do uso de substâncias psicoativas por mulheres que vivenciam o processo de maternidade, para assim compreender essa relação e a vivência destas mulheres no seu contexto social e principalmente dando atenção para todas as faces desse fenômeno, visando todos os aspectos, tanto psicológico, cultural, fisiológicos e sociais. Deve-se pensar além dos estudos já publicados até o momento, que na maioria das vezes tem como enfoque muito mais os prejuízos que a substância pode causar a mulher e ao seu filho e pouco enxergam a dimensão subjetiva que circunda a relação entre mulheres e o uso abusivo de drogas (ABRUZZI, 2011).

A partir do exposto este estudo objetivou conhecer a visão da mulher usuária de crack em relação ao processo de maternidade e as vivências entre mães e filhos.

## **2. METODOLOGIA**

A presente pesquisa foi resultado da dissertação de mestrado intitulada “A visão da mulher usuária de cocaína/crack sobre a experiência da maternidade: vivência entre mãe e filho”, defendida em dezembro de 2014 e realizada juntamente ao Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas. Consiste em um estudo qualitativo, com referencial antropológico e que foi realizado através da observação participante, da construção de diário de campo e da aplicação de entrevistas semiestruturadas a famílias onde houvesse mulheres que tivessem realizado o uso de crack durante a gestação.

A pesquisa foi realizada no município de Pelotas/RS, participaram do estudo 5 famílias que já eram acompanhadas pelo projeto de extensão “Promoção da saúde no território: acompanhamento de crianças filhas de usuárias de álcool, crack e outras drogas”, do qual a autora do presente trabalho faz parte. Os dados foram coletados nas residências de cada família e também no contexto em que elas estão inseridas, no período de maio a agosto de 2014, através de visitas semanais/quinzenais a cada família. A análise dos dados foi embasada na Teoria do Interpretativismo, de Clifford Geertz.

Todos os princípios éticos considerados para a elaboração da pesquisa foram ao encontro da Resolução nº 466/2012 do conselho Nacional de Saúde, do Ministério da Saúde, sobre Pesquisa com Seres Humanos e o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Enfermagem, pelo parecer 643.166, sendo assim todos os princípios éticos foram respeitados, assim como o anonimato dos participantes (BRASIL, 2012).

## **3. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Encontrou-se durante a leitura das entrevistas e dos diários de campo que alguns fatores podem influenciar no processo da maternidade e na relação entre mãe e filho, como o planejamento ou não da gestação, o desejo ou não de ser mãe, a colaboração ou não da família e do companheiro nesse processo, ressaltando que as experiências familiares passadas tiveram forte poder nas experiências presentes dessas mulheres, ou seja, a vivências anteriores com as suas mães refletem de algum modo nas vivências atuais com os seus filhos.

Algumas participantes relataram experiências de violência e maus tratos por parte de suas mães, como falta de afeto, agressões físicas, sentimentos de rejeição e outros fatores que deixam transparecer o quanto essa convivência conflituosa com as suas mães está até hoje presente nas suas relações. Importante ressaltar, porém, que mesmo podendo viver ou estar vivendo em um contexto violento essas mulheres não reproduzem o que viveram com os seus filhos, visto que em nenhum momento foi observado nenhuma cena de violência para com as crianças, também contrariando o senso comum de que todos os usuários de crack são violentos e não tem capacidade de transmitir carinho e afeto.

A vivência entre mãe e filho, observada durante a coleta de dados, foi norteadas por momentos de carinho e afeto em todas as famílias, muitas vezes em maior ou menor intensidade, dependendo das condições em que essa família estava exposta, mas para todas as mães a relação com os seus filhos foi permeada de vínculos, não

sendo diferente do que qualquer experiência entre mães e filhos, visto que nenhuma relação pode ser generalizada ou comparada, sendo específica de quem a vivencia.

Outro fator importante e que deve ser considerado é que todas as participantes relataram ter iniciado ou cessado o uso por interferência do parceiro, comprovando o quanto o papel do homem influencia a continuidade e intensidade deste consumo, pois a convivência com outros usuários facilitam esse acesso. Muitas das participantes também criaram seus filhos sem a presença e o apoio dos companheiros, mas nem por isso abandonaram as crianças ou faltaram com os devidos cuidados.

Todas as participantes relataram que de alguma forma, sabiam os danos que podiam estar causando aos filhos durante a gravidez e por esse motivo exaltaram sentimentos de culpa, constrangimento, vergonha e incapacidade, mas, contudo não deixam de criar seus filhos e nem o abandonam, pois acreditam que mesmo com o preconceito da sociedade, conseguem cuidar dos seus filhos e viver a maternidade.

O uso do crack não é o único fator que pode interferir na relação mãe e filho e na maneira como a mulher usuária vivencia essa experiência da maternidade, pois conhecendo seu contexto cultural, observou-se que a pobreza, o histórico familiar, a relação com o companheiro, o planejamento da gestação e as redes de apoio, tem influência também nesse processo.

Muitos fatores podem interferir na experiência da maternidade e na relação entre mães e filhos, como a condição social e emocional em que a mulher se encontra no momento, sendo esta uma forte influência, assim como o número de filhos, visto que algumas participantes tinham dois ou três filhos e teve em cada uma das gestações um tipo de experiência, vivência, aceitação ou rejeição. A idade também aparece como fator preponderante neste processo, visto que as cinco participantes tiveram filhos entre 15 e 22 anos de idade, juntamente com a situação financeira, pois nenhuma participante possui emprego formal e renda fixa, assim como a presença do companheiro, sendo que a maioria ou criaram seus filhos sozinhas ou sem quase nenhuma presença e apoio dos companheiros durante ou após a gestação. Todas estas situações podem refletir na forma como a mulher irá conduzir suas atitudes e sentimentos ao descobrir uma gestação e ao vivenciá-la. Outros fatores externos, como a ansiedade, ambiente desfavorável, a vulnerabilidade e o estigma sofridos também podem influenciar neste processo.

Cada participante desta pesquisa tem a sua própria história a ser contada, histórias que segundo elas, influenciam a maneira como elas vivenciaram e vivenciam a maternidade até hoje, visto que uma delas estava grávida no momento da pesquisa e outras três tinham crianças entre 3 meses a 1 ano e meio de idade, portanto percebemos que alguns aspectos eram comuns a todas, todavia a experiência da maternidade e a relação com os seus filhos era única e exclusiva de cada uma delas, não podendo ser generalizada de nenhuma forma e nem estendida a outras pessoas.

#### **4. CONCLUSÕES**

As pessoas são diferentes, vivem de maneira diferente, experimentam as suas vivências de formas diferentes e então seus significados e a sua visão de mundo também são diferentes. Por mais que as histórias dessas mulheres se cruzem em diferentes aspectos, a diversidade cultural é impossível de ser generalizada, cada pessoa tem a sua própria subjetividade.

A temática das drogas está constantemente na mídia, é um tema em ascensão e que merece ser tratado de forma menos preconceituosa e sensacionalista, visando não apenas a substância, mas o indivíduo que a consome, pensando na integralidade do cuidado a esta pessoa e em todos os fatores que permeiam este uso. Este cuidado ao usuário é complexo e em especial se estamos tratando de mulheres e de crianças. Os serviços de saúde devem estar preparados para atender esta demanda, cheia de especificidades, assim como todos os sujeitos. Os profissionais devem realizar um atendimento de forma humanizada e livre de preconceitos, visando a prevenção e proteção destes indivíduos.

É necessário investir em políticas públicas de saúde intersetoriais e que visem atender os usuários de forma integral, contemplando um olhar diferenciado para cada um, diminuindo a desigualdade social e focando em uma abordagem que destaque as possibilidades do usuário, a especificidade do indivíduo e a singularidade de cada um.

A maternidade vai além do uso de drogas, deve ultrapassar o senso comum e vencer o preconceito, é necessário conhecer essas mulheres, suas vivências, compreender as suas especificidades e assim passar a enxergá-las com mais respeito e dignidade.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRUZZI, J. C.; **A experiência da gestação na perspectiva de gestantes usuárias de crack internadas em uma unidade psiquiátrica de um hospital geral.** 2011. 40f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Enfermagem) – Curso de Enfermagem, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. Conselho Nacional de Saúde, Comissão Nacional de Ética em Pesquisa. **Resolução Nº 466 de 12 de dezembro de 2012:** diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa envolvendo seres humanos. Brasília: MS; 2012.

GEERTZ, C. **A Interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: LTC Editora, 1 ed., 13 reimpr., 2008.

YAMAGUCHI E.T.; CARDOSO, M. M. S. C.; TORRES, M. L. A.; ANDRADE, A.G. Drogas de abuso e gravidez. **Rev.psiquiatr.clín.**, vol.35, suppl.1, São Paulo, 2008.